

Museus e vizinhança - o desafio de partilhar território

Célia Machado¹⁰

Resumo - Abstract

Inspirado no relatório de projeto de investigação intitulado “Museus e seus vizinhos: redesenhando limites citadinos” este artigo ganha forma e sentido no seio de uma museologia socialmente responsável, orientada para o desenvolvimento sustentado e sustentável dos territórios museológicos.

O texto sustenta a tese de que mesmo em territórios que desafiam os tradicionais conceitos de vizinhança e comunidade, como é o caso da urbanidade contemporânea, os museus deverão dar atenção prioritária à sua vizinhança no cumprimento da sua missão, considerando estratégias democráticas, aplicadas numa lógica *bottom-up* de *empowerment* comunitário.

Partindo de um estudo de caso focado em Aldoar – uma freguesia suburbana do concelho do Porto - e no seu único museu – o Museu do Papel Moeda – é construída uma metodologia de diagnóstico territorial e, com base na sua aplicação, desenhada uma proposta de programa museológico de Animação e Mediação Sociocultural, intitulada “Fórum Aldoar: plataforma de reflexão, discussão e ação”.

Inspired by the research project “Museums and their neighbors: redrawing city boundaries” this article takes shape within a socially responsible Museology, oriented towards sustainable development of museum territories.

The paper states that even in areas that challenge traditional concepts of neighborhood and community, as is the case of nowadays urbanity, museums should

¹⁰ Licenciada em animação socioeducativa, especializada em animação e mediação cultural e mestre em museologia, encontra-se especialmente fascinada pelas problemáticas que envolvem a responsabilidade social dos museus, tendo-se vindo crescentemente a debruçar sobre os conceitos, metodologias e práticas que com esta temática se relacionam.

Graduated in social education animation, post-graduated in animation and cultural mediation and master in museum studies, is currently fascinated by issues involving museums social responsibility, focusing on the concepts, methodologies and practices that generally relate to this topic.

<http://museologiaporto.ning.com/profile/CeliaMachado>

celiagodinhomachado@gmail.com

give priority attention to their neighbors, while fulfilling their mission, and consider democratic strategies such as community empowerment.

From a case study focused on Aldoar - a suburban parish in the city of Oporto - and the only museum in the territory - the Museum of Paper Money - a methodology oriented towards territorial diagnostic is built, and based on its application, a proposal for a museum sociocultural program is designed, entitled “Aldoar Forum: a platform for reflection, discussion and action”.

Palavras-chave - Keywords

Museu, território, vizinhança, mediação, desenvolvimento.

Museum, territory, neighborhood, mediation, development.

*Museus e vizinhança - o desafio de partilhar território*¹¹

Célia Machado

Museus socialmente responsáveis

Se de entre os múltiplos papéis que os museus têm vindo a assumir, perante a sociedade contemporânea, fosse convidada a eleger um que me interpelasse com especial acuidade, não hesitaria em apontar o da responsabilidade social como meu favorito, pois encontro-me frequentemente inquietada a perceber como podem estas instituições aperfeiçoar, ativa e colaborativamente, o seu contributo para o desenvolvimento local, sustentado e sustentável, dos complexos e dinâmicos territórios onde se inserem.

Pessoalmente, encaro os museus como instituições de serviço público potenciais e potenciadoras, construídas por pessoas, para pessoas, utilizando a cultura das pessoas, no seu sentido mais amplo e contemporâneo, como alicerce de existência. Acredito que é possível combinar a reconhecida aura dos objetos museológicos com espaços agregadores, de reunião e partilha de objetivos comuns (American Association of Museums 2002, 14). Por isso, concordo com Dodd e Sandell (2001, 25) quando referem que as funções mais familiarmente reconhecidas dos museus, como colecionar, preservar, interpretar e mostrar, não constituem a essência museológica, mas antes meios para alcançarem a missão de beneficiar a sociedade e com Pitman e Hirzy (2004, 10) quando defendem que apesar de cada museu ser fortemente influenciado, no seu modo de pensar e agir, pela sua coleção não o será, em menor escala, pelo seu contexto social.

Por isso, em meu entender, o museu enquanto instituição sociocultural e educativa nunca poderá ser dissociado do território onde se encontra implantado, nem

¹¹ Artigo baseado no projeto de investigação intitulado “Museus e seus Vizinhos: redesenhando limites cidadãos”, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Museologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, segundo a orientação da Professora Doutora Alice Lucas Semedo.

Article based on the research project entitled “Museums and Neighbors: redrawing the urban landscape”, developed in the context of the Museology Master degree course at Oporto University Humanities Faculty, under the supervision of Professor Alice Lucas Semedo.

Disponibilizado em/Available at URL: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/57424>.

deverá mostrar-se indiferente à sua vizinhança, quando idealiza uma missão ou planeia estratégias de atuação. Pelo contrário, se todos os públicos devem ser calorosamente recebidos no museu, os vizinhos, que com ele partilham território, deverão merecer especial atenção.

Ser vizinho não se trata apenas de coexistir em proximidade, trata-se de assumir uma relação que chega acompanhada de questões sobre a partilha de identidades, de objetivos e expectativas, de espaços e recursos, de fragilidades e potencialidades... Porque construir um relacionamento saudável de vizinhança é, antes de mais, partilhar e conhecer.

Para a American Association of Museums (2002, 11) conhecer-se e conhecer a vizinhança torna-se fundamental, independentemente do custo, da duração e das conclusões desse processo, porque isso permitirá aos museus: examinarem e testarem crenças e práticas, aprenderem com modelos anteriormente aplicados no envolvimento comunitário e liderança colaborativa, substituírem parcerias episódicas por relações sustentadas e sustentáveis e ampliarem o seu impacto na paisagem cívica.

No mesmo sentido, Dodd e Sandell (2001, 12) referem que os museus preocupados com o lugar que ocupam na sociedade realizam um processo de autorreflexão considerando múltiplos olhares: um “de dentro para dentro”, focando-se sobre o estudo e gestão da coleção, a definição da missão, dos objetivos e a construção de estratégias de comunicação; um “de dentro para fora”, focando-se sobre os públicos e os impactos do museu na realidade social; e outro “de fora para dentro”, focando-se nas representações sobre os contributos do museu para a comunidade, as múltiplas barreiras que existem aos acessos e sugestões para as ultrapassar. Em essência, da triangulação desses olhares decorrerá o entendimento do porquê, para quê e para quem existe o museu.

Surpreende-me, agrada-me e interessa-me a definição que Hein (2000, XI) atribui a comunidade museológica - uma associação solta, composta por pessoas ligadas por laços de uma história incomum e interesses divergentes - porque combate o estigma do *outsider*, fomentado pelo estereótipo de comunidade homogénea e intimista, que coloca o ser-se membro num local exclusivo e o não se ser membro num local de exclusão. É que trabalhar comunitariamente não se trata de um processo linear (Pitman

e Hirzy 2004, 9) mas de um complexo intrincado de relações que se deve tecer lenta e cuidadosamente, com vista ao equilíbrio do todo.

Consciente das vantagens do tecer laços suportativos com os territórios vizinhos, o museu pode e deve envolver-se ativamente na promoção do *empowerment* local, assumindo-se como fórum de cidadania, onde haja espaço para, colaborativamente, refletir sobre necessidades e potencialidades, discutir possibilidades de intervenção e agir em prol do desenvolvimento comunitário. “Esta transformação está a tomar lugar atravessando todo o campo museológico, como parte de um movimento expansivo de uma visão dos propósitos e possibilidades dos museus, em relação às suas comunidades (...) Um novo e imaginativo ambiente museológico do século XXI está a tomar forma (...) rodeado por algumas das mais diversas vizinhanças (...) desenhado para se aproximar de (...) uma praça de cidade, em vez de apenas uma experiência ou lugar” (Pitman e Hirzy 2004, 7).

Um museu solidamente enraizado no espectro cultural que estuda, preserva e comunica, e no território em que se insere encontrará a sua relevância individual e social, esculpirá uma identidade própria e delineará uma missão sociocultural e educativa particular que norteará estratégias potenciadoras do contacto com o que está para além do imediato, do óbvio, do atual e, até, do efémero. Um museu assim é a casa da expressão do pensamento, da dúvida, do sonho, da criatividade, porque não, da provocação, do estímulo e incentivo, da oportunidade e, até, da esperança. Este museu é também um espaço de sociabilidade, de contacto, de construção de relações, de cruzamento, de diálogo cívico, por vezes lugar de conflito e por outras de consenso. É um museu que reconhece o peso do passado, mas enfrenta os obstáculos do presente de peito aberto e olhos visionários, carregados de futuro. E é este museu que teimo em idealizar, sempre que reflito sobre a relevância dos museus para a sociedade contemporânea.

Museus na cidade para a cidadania

Sendo especialmente atraída pelas temáticas museológicas que abordam o papel do museu enquanto parceiro colaborativo implicado no desenvolvimento territorial

comunitário, não poderia deixar de me sentir, igualmente, desafiada pelas reflexões que a urbanidade introduz nesta problemática, enquanto contexto social e museológico de excelência.

Nenhum outro aglomerado social reflete melhor a organização semi-planeada/semi-espontânea do que a urbe dos dias de hoje. “Enquanto configuração socioespacial, a cidade contemporânea ainda se inscreve, no essencial, na continuidade de algumas imagens fortes: concentração do povoamento, primazia do quadro das construções sobre a paisagem natural, etc. (...) [porém] enquanto processo, a urbanização tende a afe[ctar] de uma forma muito mais alargada o conjunto das a[ctividades] sociais, das populações e dos espaços (...) A cidade é simultaneamente território e população, quadro físico e unidade de vida colectiva, configuração de obje[ctos] físicos e de relações entre seres sociais” (Grafmeyer 1994, 1) .

Contrariamente à tradicional noção de comunidade que continua a persistir enquanto “(...) composta por memórias, consciência colectiva e características compartilhadas, numa convergência intelectual e afectiva, fundamentada num passado comum (...)” (Ander-Egg 1999, 42), no meio urbano “(...) a maioria das comunidades de hoje são de curto-termo, fronteiriças com hábitos misturados e emprestados” (Hein 2000, 47), assemelhando-se os seus territórios a intrincados mosaicos (Grafmeyer 1994, 16). Agora, se à primeira vista esta complexidade pode ser entendida como uma restrição ao estabelecimento e fortalecimento de redes de vizinhança colaborativas e um obstáculo ao envolvimento museológico, será indubitavelmente necessário um segundo olhar.

Segundo Grafmeyer (1994, 14) de entre os contextos sociais a cidade será o mais complexo, apresentando-se como um reagrupamento de populações e de atividades duravelmente estabilizadas sobre um território restrito. A proximidade física permite aos seres sociais entrarem em relação e favorece o desenvolvimento de novas relações, na medida em que concentra num mesmo lugar um grande número de processos de encontro. A cidade torna-se, assim, o dispositivo mais apropriado às diversas relações de troca e de cooperação que se instauram entre os homens, sendo no meio urbano, que se estabelecem, se amplificam e desmultiplicam interações de todas as ordens que constituem o princípio da vida social. Seixas (*in* Domingues et al 2003, 112) alerta

mesmo para a necessidade de uma focalização nas oportunidades oferecidas pela cidade: “(...) contingente e reestruturante, a cidade reflexiva e pensante, enfim, a cidade a[]tuante, prospectivamente convivencial (...)”, de cidadãos políticos, à luz de uma democracia participativa ascendente, no seio da qual se assumem decisões significativas, baseadas nas necessidades e potencialidades comunitárias.

Neste contexto, os museus tornam-se parte estabelecida da paisagem, com potencial cívico (American Association of Museums 2002, 15). Como os fóruns da antiga Roma, os museus são lugares onde as comunidades se podem reunir para aprender, socializar e entreter-se. Enquanto organizações socioculturais e educativas podem desempenhar o papel de plataformas de partilha, discussão, planeamento e gestão de iniciativas comunitárias, combatendo necessidades específicas como: a identitária, de sociabilidade, de participação cívica, de solidariedade, de inclusão multicultural, de informação, de aquisição e transmissão de conhecimento crítico (Faria *in* Domingues 2003, 35). Podem ainda, enquanto espaços propiciadores de criatividade, beneficiar vizinhanças específicas, sobretudo na regeneração da capacidade de iniciativa e no enaltecimento da confiança na participação e na tomada de decisões, para o assumir de um papel ativo no desenho do futuro (Sandell *in* Domingues 2003, 50).

O museu desempenha, assim, “(...) um papel insubstituível. Pela sua própria natureza, de curador[] do património (...) t[e]m demonstrado ser instrumento[] privilegiado[] de intervenção nestas áreas complexas de renovação social das quais a própria regeneração depende” (Semedo *in* Domingues et al 2003, 126). Tal como Costa (2006, 77) advogo que esta instituição ocupa, de fato, um lugar de notável centralidade na cidade contemporânea, revelando-se um microcosmo para a cidadania e a expressão sociocultural. Enquanto agente de conservação normativa que objetiva e reifica valores, o museu faz parte da atividade filosófica de construção deste mundo social, mediando relações entre grupos sociais, oferecendo meios tangíveis para a produção e partilha de experiências integradoras num mundo de muitas comunidades e de muitas diferenças (Hein 2000, 37) e oferecendo ao ser humano a possibilidade de olhar para si, através de múltiplas perspetivas, de se identificar, (re)posicionar, e de construir um futuro melhor, individual e coletivo.

Um contexto desafiador

Porque quase nunca estamos sozinhos nas nossas reflexões, as minhas preocupações encontraram eco no projeto de mediação “a territorialização do novo paradigma educacional” que já vinha a ser desenvolvido pelo Museu do Papel Moeda da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda em articulação com a Secção de Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Esta iniciativa havia consistido no levantamento e caracterização da rede educativa do território de Aldoar, onde o Museu se insere, a par de uma dinâmica de mediação entre as entidades identificadas e o próprio Museu, o que contribuiu para o estabelecimento e estreitamento de laços de vizinhança e para a realização de diversas atividades colaborativas. Estes resultados motivaram o Museu a iniciar uma nova fase, desta feita assumindo-se como mediador comunitário, com o objetivo de alargar limites e romper fronteiras socioculturais e educativas do território. Consciente da sua responsabilidade social, o Museu identifica-se, ainda, com a definição de empreendedor social e assume-se como agente de mudança, apresentando-se, através da sua missão, como uma instituição “(...) aberta à comunidade e que deve desempenhar um papel educacional de relevo, contribuindo assim para o desenvolvimento da estrutura da sociedade do conhecimento e para a coesão social” (Fundação Dr. António Cupertino de Miranda 2010, s.p.).

Sendo Aldoar um típico modelo do fenómeno urbano de periferia citadina (Pereira s.d., 2) e o Museu do Papel Moeda um exemplo clássico de um museu preocupado com o estabelecimento e aprofundamento de relações de vizinhança, encontrava-me perante um contexto que reunia as características ideais para a implementação de um projeto de investigação agregador das problemáticas que mais me interessavam.

Referenciais metodológicos para um estudo de caso

Assim nasceu o projeto de investigação “Museus e seus vizinhos: redesenhando limites citadinos” que, tal como o título pretende sugerir, se debruçou sobre a relação entre os museus e os complexos territórios urbanos contemporâneos em que se inserem.

Mais especificamente e já na forma de questão de partida, o projeto pretendia perceber “como potenciar a relação entre o museu e a sua vizinhança num cenário urbano contemporâneo?”, esboçando alguns limites internos e externos do território e das suas redes de vizinhança, reconhecendo a composição e organização dessas redes e visionando ameaças à sua constituição e manutenção, elencando entidades e líderes representativos na comunidade, caracterizando identidades comunitárias, identificando forças, potencialidades, fraquezas e ameaças no território, levantando representações entre o museu e a vizinhança e reunindo sugestões de interação entre a vizinhança e o museu, com o objetivo geral de desenhar uma estratégia concreta, orientada para o estreitamento de laços suportativos entre o Museu do Papel Moeda e o território de Aldoar.

Uma vez que a investigação em causa pretendia alcançar o conhecimento de fenómenos sociais, atribuindo a primazia da qualidade relativamente à quantidade dos dados a recolher (Bogdan e Biklen 1994, s.p.), a opção do projeto recaiu, necessariamente, sobre uma metodologia do tipo social de carácter qualitativo, com destaque para os paradigmas de ancoragem interpretativo e sócio-crítico, inspirados nas abordagens fenomenológica, construtivista, interacionista simbólica e etnometodológica. Neste sentido, considerou-se a realidade em estudo como profundamente complexa e dinâmica, os sujeitos da investigação como atores, construtores e reconstrutores da realidade, e o investigador como explorador e transformador, capaz de, no próprio ato de investigar, promover tomadas de consciência.

Quanto ao método, o projeto foi classificado como um estudo de caso comunitário (Guba e Lincoln 1981, s.p. *in* Sánchez e Ochoa 1994, s.p.) por se entender: partir-se de uma problemática enquadrada num marco teórico delimitado, exemplificada num contexto específico, revelador de estabilidade interna; requerer-se a reunião de informação plural, com recurso a várias fontes, técnicas de recolha, registo e análise de dados; dar-se relevância às características, interações, dinâmicas e evoluções do contexto; ser orientado para a tomada de decisões.

Relativamente à recolha, registo e tratamento de informação, foram diversas as fontes e técnicas tidas em consideração, fato que permitiu, através da sua triangulação, o

alcance de conclusões mais ricas. Destacarei, no entanto, apenas duas técnicas, que pela sua relevância marcaram mais profundamente as conclusões do projeto: (i) os grupos de discussão e (ii) os inquéritos por entrevista semi-estruturada.

(i) O grupo de discussão consiste numa técnica inspirada na dinâmica de grupos (Debus 2004, s.p.), que coloca em interação elementos da população que se pretende investigar (Rodrigues 1988, s.p.), com a finalidade de analisar como encaram uma experiência, contexto ou conceito (Giovanazzo 2001, s.p.).

O projeto contou com dois grupos de discussão mediados pelo Museu que, no total, envolveram representantes de doze entidades locais. Os participantes foram selecionados a partir de uma base de dados estruturada no arranque do projeto de investigação, que incluía todas as entidades coletivas de cariz sociocultural e educativo em atividade na freguesia de Aldoar.

Enquanto observadora registei tanto por escrito, em diário de campo, como através de suporte áudio, as principais reflexões partilhadas e verifiquei que os grupos de discussão se revelaram extremamente significativos para o projeto, uma vez que permitiram recolher informações de múltiplas fontes em simultâneo, que respondiam aos objetivos delineados para a investigação, para além de fomentarem um clima de partilha e conhecimento mútuo.

(ii) A entrevista é uma técnica que se baseia na interação direta entre entrevistador e entrevistado, com o objetivo principal de “(...) abrir a área livre dos dois interlocutores (...) reduzindo (...) a área secreta do entrevistado e a área cega do entrevistador” (Carmo e Ferreira 2008, s.p.).

As entrevistas semi-estruturadas (Ballesteros 1983, s.p. *in* Francia, Martín, Salmeron e Esteban 1993, s.p.) foram realizadas por mim, com o apoio de um guião e com recurso a gravação áudio e a registo em diário de campo. A aplicação desta técnica teve como finalidade recolher representações sobre o Museu e a sua vizinhança, diretamente junto de informantes privilegiados, membros da comunidade de Aldoar, tendo sido aplicada a oito elementos, selecionados através da técnica de amostragem “bola de neve”, “(...) um método raramente utilizado, que consiste em partir de uma amostra comportando um número restrito de pessoas, às quais se vão acrescentando, até

a amostra estar completa, pessoas com as quais as primeiras afirmam estar em relação” (Almeida e Pinto 1990, s.p.).

Tanto nos grupos de discussão como nas entrevistas, o envolvimento dos informantes privilegiados foi fundamental, uma vez que enquanto elementos ativos no território apresentaram uma perspetiva específica e rica sobre o mesmo, fornecendo informações que não se encontravam disponíveis através da análise de outras fontes.

As conclusões do projeto

Os resultados da aplicação do projeto de investigação “Museus e seus Vizinhos: redesenhando limites citadinos” podem ser esquematizados em três blocos de informação: o primeiro (i) prende-se com as respostas aos objetivos específicos do projeto, vocacionados para a caracterização do território; o segundo (ii) refere-se às representações do território face ao Museu e possíveis colaborações; e o terceiro (iii) traduz-se numa estratégia que dá resposta à questão de partida do projeto de investigação.

(i) sobre o território

A rede viária desempenha um importante papel na separação de subterritórios, evidenciando-se a Avenida da Boavista enquanto fronteira interna entre “dois Aldoares”.



Figura 3 - Mapa de Aldoar com a localização assinalada do Museu do Papel Moeda (através de um ponto) e da Avenida da Boavista (através de uma linha tracejada) ©Célia Machado, 2011

A zona Norte, de maior área, é considerada o Aldoar autêntico, onde se concentra a maioria da população residente e os serviços mais ativos. A zona Sul, onde se localiza o Museu do Papel Moeda, é encarada como privilegiada, onde se instalaram lojas orientadas para um setor económico elevado e uma zona residencial considerada luxuosa. Esta localização coloca o Museu numa posição em que faz parte do “outro grupo”, relativamente aos residentes da vizinhança de quem se pretende aproximar.

“(…) o fato de ser do outro lado da Avenida da Boavista (…) para muitas pessoas é quase como se fosse (…) outro mundo” (Entrevista 6, 24-02-2010)

A questão arquitetónica é outro aspeto a salientar na delimitação interna de Aldoar. A localidade apresenta, claramente, um perfil residencial onde predomina o conceito de bairro, num intrincado cenário socioeconómico de bairros de classe baixa, média e alta, o que por si só origina fronteiras internas e limita a circulação e a interação social.

“(…) há barreir[as]…” (Entrevista 1, 12-01-2010)

“(…) é muito (…) segmentado (…)” (Entrevista 6, 24-02-2010)

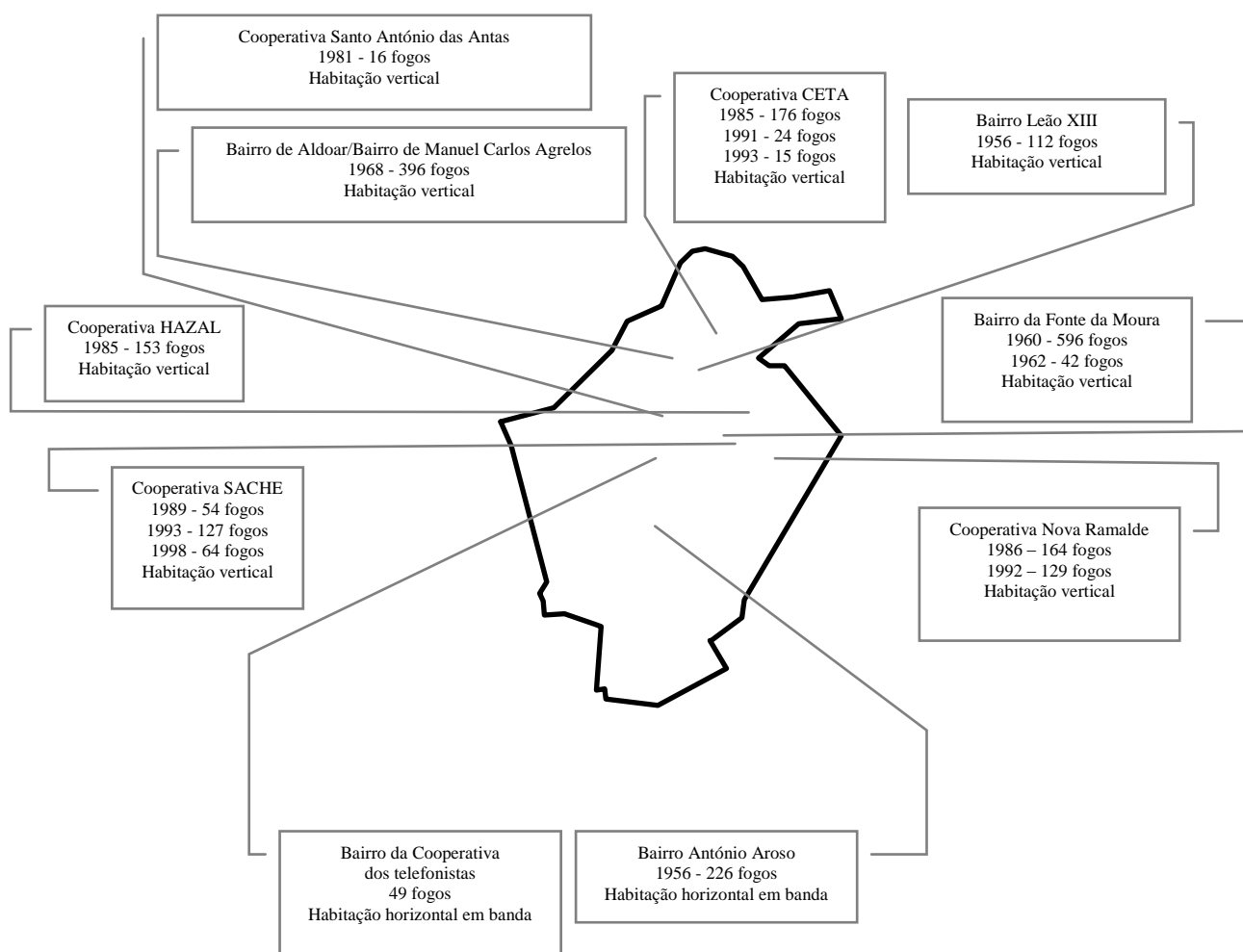


Figura 4- Distribuição de bairros no território de Aldoar, a norte da Avenida da Boavista ©Célia Machado, 2011

As redes de vizinhança do território coincidem, frequentemente, com o subterritório/bairro de residência, estabelecendo-se maioritariamente por proximidade, num limite pedonal.

“(…) aqui na Cooperativa são todos meus vizinhos (…)” (Entrevista 8, 29-03-2010)

É possível, também, verificar que no interior de cada rede de vizinhança surgem fenómenos de suporte social importantes e diversificados.

“(…) às vezes sou capaz de regar ali o quintal da vizinha, porque ando com a mangueira e o vizinho é capaz de me vir cortar uma sebe, porque tem jeito (…)” (Entrevista 3, 26-01-2010)

No que ao levantamento de ameaças à constituição e manutenção destas redes diz respeito, não são genericamente visionadas, pelo contrário regista-se uma vontade de ampliação e aprofundamento de relações no interior do mesmo subterritório residencial.

“sinto-me super bem aqui, pelo fato de conhecer e de ter esta relação próxima com as pessoas (….) ganhamos amigos aqui” (Entrevista 1, 12-01-2010)

No que se refere à caracterização de identidade(s) comunitária(s) verifica-se que face ao fato da população ser, presentemente, maioritariamente deslocada não existe uma identidade coletiva que prevaleça, antes existe um misto de identidades, como por exemplo:

a) Aldoar dos bairros sociais, um estigma identitário associado ao número de fogos sociais e a problemáticas que neles existem.

“o bairro [de Aldoar] é muito grande (….) e tem o da Fonte da Moura, que também é grande (….) portanto conotou-se assim” (Entrevista 6, 24-02-2010)

b) Aldoar rural, a identidade histórica local, da qual já existem poucos vestígios e memórias.

“O Parque da Cidade eram (….) 60 ou 70% (….) parte da freguesia de Aldoar” (Entrevista 8, 29-03-2010)

c) Aldoar associativo/cooperativo, em virtude das muitas associações, cooperativas e Instituições Particulares de Solidariedade Social que estão sediadas no território.

“tem várias associações” (Entrevista 6, 24-02-2010)

d) Aldoar dos novos condomínios de luxo, uma nova franja populacional bastante evidente pelo contraste com a restante população.

“É gente rica que vem para aí (….) quem é que vai comprar um prédio daqueles no Parque da Cidade?” (Entrevista 7, 29-03-2010)

e) Aldoar cluster cultural, uma vez que têm sido atraídos diversos profissionais das áreas criativas, estimulados pela aproximação a Serralves, orla de lazer flúvio-marítima e Parque da Cidade.

“(…) proximidade com o Parque da Cidade e com o mar, poder ir até ao mar a pé, proximidade com Serralves (…)” (Entrevista 1, 12-01-2010)

Relativamente ao elencar entidades e líderes representativos na comunidade é possível verificar que apesar da rede institucional ser densa não é suficientemente coesa, existe uma repetição de líderes e convergência de dinâmica nalgumas entidades que se destacam pela relevância das ações comunitárias que promovem, como a Junta de Freguesia de Aldoar, o Agrupamento de Escolas Manoel de Oliveira, a Associação de Ludotecas do Porto e o Contrato Local de Desenvolvimento Social de Aldoar.

“[As pessoas são as mesmas] se estão no Agrupamento estão na Assembleia, estão na Junta de Freguesia...” (Entrevista 6, 24-02-2010)

Como síntese final deste subponto foi possível, através dos discursos de diversos informantes privilegiados, sintetizar uma análise SWOT do território de Aldoar, bastante esclarecedora.

Forças	Fragilidades
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tranquilidade das residências ▪ Centralidade face a acessos viários ▪ Vizinhança em termos de relações ▪ Espaços de lazer nas imediações ▪ Interconhecimento das instituições mais antigas e ativas 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Empregabilidade baixa ▪ Oferta de serviços reduzida ▪ Vandalismo de espaços públicos e semipúblicos ▪ Fragilidades sociais ▪ Habitação económica desajustada ▪ População envelhecida ▪ Crise de valores
Ameaças	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Construção desintegrada ▪ Ações centralizadas nas carências ▪ Heterogeneidade e fragmentação subterritorial ▪ Comunicação deficitária intersubterritorial ▪ Iniciativas descontinuadas ▪ Descrédito na mudança ▪ Consumos e criminalidade ▪ Custo de vida ▪ Poderes instalados 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Competência e recursos inexplorados ▪ Novos habitantes ▪ População participativa ▪ Densidade institucional ▪ Parcerias inconventionais

Figura 5 - Análise SWOT do território de Aldoar, de acordo com informantes privilegiados ©Célia Machado, 2011

ii) sobre a relação entre o Museu e a vizinhança

De uma maneira geral a existência de um museu no território é considerada relevante.

“(…) realmente é super educativo (…) tem um papel extremamente importante”
(Entrevista 3, 26-01-2010)

No entanto, a localização concreta do Museu do Papel Moeda é considerada ambivalente. Se por um lado é vista positivamente como neutra, por outro não é encarada como facilmente acessível.

“está um pouco fora, dentro do bairro, e (…) pode ser aqui um potenciador (…) [de] sinergias” (Grupo de discussão 1, 18-01-2010)

“(…) edifício não é (…) luxuoso mas (…) intimida, há pessoas que pensam ‘aquilo é para os ricos e para os sábios’” (Grupo de discussão 1, 18-01-2010)

A coleção também não é considerada especialmente atrativa e as atividades promovidas são pouco conhecidas.

“(…) o museu do dinheiro (…) não (…) chama nada (…) não se vê publicidade nenhuma (…)” (Entrevista 3, 26-01-2010)

Já da parte do Museu face à comunidade existem imensas expectativas. O Museu (Grupo de discussão 2, 25-01-2010) deseja:

“que usem o Museu, que se aproveitem do Museu, que se apropriem do Museu”

“abrir-se à comunidade, trabalhar com todos ou receber propostas de cada um (…) e também mediar projetos”

“ajudar as pessoas a melhorar as suas vidas (…) autoestima, (…) conhecimentos, (…) horizontes, (…) oportunidades”

“encontrar a nossa complementaridade na área cultural (…)”

“gizar um pensamento que consiga construir uma comunidade participativa em Aldoar”

“que (…) ajudemos Aldoar a ser melhor, que lhes demos alguma visibilidade, que (…) sintam que é bom ter o Museu aqui (…)”

Quanto ao objetivo “reunir sugestões de interação entre o museu e a vizinhança” existiu da parte de várias entidades dificuldades em sugerir propostas articuláveis em rede e em integrar o Museu como ator nessas propostas. Foi também difícil encarar o Museu como uma entidade com necessidades e limitações, que não deve atuar fora do seu domínio. No entanto, através do diálogo surgiram algumas ideias-chave que se revelaram potenciais em termos de trabalho colaborativo com a participação museológica, designadamente:

“(...) essa grande aposta de conseguirmos todos (...) encontrar nesta comunidade vocações que ainda não foram encontradas” (Grupo de discussão 2, 25-01-2010)

“(...) qualquer coisa que agilize (...) olhar para os outros, que Aldoar precisa muito de olhares cruzados” (Grupo de discussão 2, 25-01-2010)

“falta aqui um espaço público (...) tem que se criar um espaço neutro” (Grupo de discussão 2, 25-01-2010)

“(...) fazer uma certa integração, que a mim me parece absolutamente essencial, se não queremos andar todos aos tiros daqui a uns anos (...)” (Entrevista 6, 24-02-2010)

“(...) atividades que sejam de fato mistas (...)” (Grupo de discussão 2, 25-01-2010)

“(...) a parte cultural e a parte artística é um potencial enorme (...)” (Grupo de discussão 2, 25-01-2010)

“(...) a dimensão lúdica que está em vias de extinção (...) que as pessoas reencontrassem algumas das relações (...) e que a comunidade de Aldoar perdeu (...)” (Grupo de discussão 2, 25-01-2010)

E o Museu, que papel é que poderia ter concretamente?

“O Museu podia ser esse espaço, com animação cultural que fizesse com que as pessoas de Aldoar de todas as faixas etárias e de todas as condições sociais pudessem encontrar aqui *workshops*, se calhar numa fase preparatória incentivada pelas organizações, pelas estruturas locais (...) fazer algumas experiências que lhes dessem apetência para depois fazerem um projeto em grande (...) no sentido das próprias

“... pessoas estruturarem a própria história ou espetáculo, ou seja o que for, que desse uma certa identidade aqui a Aldoar, em que a Fundação pudesse ser o suporte (...) tem que ser uma coisa de alto nível (...) as pessoas têm que sentir que estão a participar (...) que isso lhes dá mais-valia e dá valorização” (Grupo de discussão 2, 25-01-2010)

iii) sobre a proposta de programa museológico

A partir do diagnóstico elaborado, esbocei uma proposta de programa museológico, orientado para o desenvolvimento comunitário, pois acredito que através da construção colaborativa de projetos em rede, sobretudo aqueles que considerem as metodologias da mediação e da animação sociocultural, a relação entre o Museu e a vizinhança poderá ser amplamente potenciada.

“Fórum Aldoar: plataforma de reflexão, discussão e ação” consistiria na construção de uma rede colaborativa comunitária, a partir de um sistema de projetos inspirados na coleção do Museu do Papel Moeda.

No contexto do Programa o papel-moeda seria encarado não como instrumento económico mas como registo, pouco convencional, dos valores da comunidade, como os culturais, os educativos e os sociais.

O Programa teria como objetivos gerais: criar uma plataforma real e virtual de reflexão, discussão e ação comunitária; estabelecer um ambiente de partilha e troca de olhares sobre Aldoar; potenciar sinergias ao nível das competências e dos recursos existentes na comunidade; promover o hetero-conhecimento e fortalecer relações entre os diferentes atores da comunidade; oferecer suporte à criação de uma identidade comunitária mais positiva e abrangente; e dinamizar a rede institucional de Aldoar.

O público do Programa seria subdividido em dois grupos interdependentes de participação. O primeiro grupo, de nível individual, seria composto pela população de Aldoar enquadrada em entidades coletivas e caracterizar-se-ia por uma participação mais direta na execução das ações. O segundo grupo, de nível institucional, seria composto por representantes das entidades locais e caracterizar-se-ia pelo envolvimento direto na tomada de decisões do Programa e na gestão dos projetos institucionais.

Ganhariam forma duas plataformas, uma real e outra virtual, através das quais seria acompanhado todo o progresso do Programa, consistindo a plataforma real em

grupos de discussão, durante os quais também se implementariam atividades presenciais, como dinâmicas de grupo, e a plataforma virtual, que consistiria numa página *web* do tipo rede social, que disponibilizaria publicamente o progresso do Programa e de cada um dos projetos institucionais.

Tendo em consideração os objetivos gerais do projeto, com destaque para a partilha e troca de olhares sobre Aldoar, todas as entidades participantes deveriam, na construção do seu projeto, debruçar-se sobre outra entidade participante, designada MUSA, que seria de seleção aleatória, apresentando Aldoar através dela.

O Programa lançaria um cenário comum para todos os projetos, a construção de uma narrativa valorativa de Aldoar suportada por uma “nota animada”, que ganharia vida através da apresentação de uma mensagem positiva sobre o território de Aldoar.

As técnicas a utilizar na animação da nota poderiam ser as mais variadas, sendo para a preparação da mesma dinamizadas diversas oficinas lúdico-expressivas.

Um dos aspetos mais pertinentes desta proposta encontra-se provavelmente na lógica de partilha de recursos, sendo aconselhado, no caso de existirem condições, que todas as instituições participantes pudessem acolher ações do Programa.

No que à gestão de recursos diz respeito, seria recomendável o envolvimento ativo de todos, fomentando-se a partilha de diversos tipos de recursos, uma vez tratar-se de um Programa de benefício comunitário. Nalguns casos, em que fosse necessária a colaboração de especialistas, que não se encontrassem entre os recursos humanos das instituições participantes do Programa, propor-se-ia o recurso a membros da comunidade de Aldoar e a adoção da estratégia de compensação do “Banco de Tempo”, uma forma criativa de contornar orçamentos elevados e de alargar a outros habitantes do território o envolvimento no Programa.

Algumas considerações finais

De entre as diversas aprendizagens que a aplicação deste projeto de investigação me possibilitou, destaco a clara perceção de que a maioria das dificuldades que os museus enfrentam no estabelecimento de relações colaborativas com os seus vizinhos

seriam profundamente amenizadas se fossem adotadas estratégias básicas de comunicação e mediação.

Sem que se conheça o território onde se vive como se pode ambicionar fazer parte dele? Sem que o território conheça o museu como o poderá aceitar e integrar?

Surpreende-me que na museologia contemporânea não seja dada maior relevância ao papel dos diagnósticos socioculturais, pois considero que são ferramentas esclarecedoras relativamente ao papel social que cada museu poderá e deverá adotar.

Com o meu projeto de investigação e, concretamente, com a minha proposta de programa museológico, pretendi esboçar um instrumento vocacionado para favorecer o estreitamento de laços e a dissolução de fronteiras entre vizinhos, baseado no heteroconhecimento, na partilha de representações, de objetivos e na construção colaborativa de projetos. Procurei sempre que as conclusões apresentadas resultassem de uma análise suficientemente plural para que metodologia e resultados pudessem ser extrapolados para outros contextos; favoreci sempre um olhar curioso, compreensivo e positivo, centrado nas competências e potencialidades do território, em detrimento de uma focalização na análise redundante das suas limitações; combati sempre a imposição de um produto final, face à possibilidade de uma construção, continuamente, enriquecida.

Defendo, “com unhas e dentes”, o potencial social do museu. Mas de um museu que seja “(...) um jogador a[ctivo e visível na vida civil e um incubador de mudança” (American Association of Museums 2002, 9) confiável e acessível.

Se desejamos realmente partilhar território, teremos também que estar preparados para partilhar poder. Estarão os museus, de fato, disponíveis para ceder na acessibilidade, na mesma medida em que esperam que a vizinhança ceda na sua integração?

Referências bibliográficas

Almeida, João Ferreira de e Pinto, José Madureira. 1990. *A investigação nas ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

MACHADO, Célia – Museus e vizinhança – o desafio de partilhar território. *Ensaios e Práticas em Museologia*. Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, 2012, vol. 2, pp. 70-91.

American Association of Museums. 2002. *A museum & community toolkit*. Washington: American Association of Museums.

Ander-Egg, Ezequiel. 1999. *O léxico do animador*. Amarante: Edições ANASC.

Bogdan, R. e Biklen, S. 1994. *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto editora.

Carmo, H. e Ferreira, M. 2008. *Metodologia de Investigação – Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Costa, Evanise Pascoa. 2006. *Princípios Básicos da Museologia*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura – Coordenação do Sistema Estadual de Museus.

Debus, Mary. 1995. *Manual de excelência em la investigación mediante grupos focales*. Durham: Academy for educational development.

Dodd, Jocelyn e Sandell, Richard. 2001. *Including museums: perspectives on museums, galleries and social inclusion*. Leicester: University of Leicester.

Domingues, Álvaro, Silva, Isabel, Lopes, João Teixeira e Semedo, Alice (organizadores). 2003. *A cultura em acção: impactos sociais e território*. Porto: Edições Afrontamento.

Francia, Alfonso, Martin, António, Salmerón, Honório e Esteban, Cecília. 1993. *Analisis de la realidad*. Madrid: Editorial CCS.

Fundação Dr. António Cupertino de Miranda. s.d. *Museu do Papel Moeda*. Disponibilizado em URL: <http://www.facm.pt/indexp.html> e acedido em 2 de dezembro de 2010.

Giovanazzo, Renata A. 2001. Focus Group em pesquisa qualitativa: fundamentos e reflexões. *Revista Administração on-line* v. 2 n.º 4. Disponibilizado em URL: http://www.fecap.br/adm_online/art24 e acedido em 2 de dezembro de 2010.

Grafmeyer, Yves. 1994. *Sociologia Urbana*. Paris: NATHAN.

Hein, Hilde S. 2000. *The museum in transition: a philosophical perspective*. Washington: Smithsonian Books.

MACHADO, Célia – Museus e vizinhança – o desafio de partilhar território. *Ensaio e Práticas em Museologia*. Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, 2012, vol. 2, pp. 70-91.

Pereira, Virgílio Borges. s.d. *Publicado no âmbito da Actas das Conferências realizadas pela APOR* em s.l.

Pitman, Bonnie e Hirzy, Ellen. 2004. *New forums: art museums & communities*; Washington: American Association of Museums.

Rodrigues, A. R. 1988. *Pontuações Sobre a Investigação Mediante Grupos Focais*. Seminário COPEADI – Comissão Permanente de Avaliação e Desenvolvimento Institucional do s.l.

Sánchez, Amparo Martínez e Ochoa, Gonzalo Musitu. 1994. *El estudio de casos como estratégia didáctica para la formación de los profesionales de la acción social*. Madrid: Narcea.